

POESIA NEGRA CONTEMPORÂNEA SOB LIRISMO DE PODER E RESISTÊNCIA

Maria Suely da Costa

Universidade Estadual da Paraíba, mscosta3@hotmail.com

Resumo

Este trabalho é parte de pesquisa de iniciação científica desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual da Paraíba com fins de identificar, catalogar e analisar produções literárias voltadas para a representação do negro. O objetivo deste estudo está em verificar o processo de construção/reconstrução de uma identidade positiva da mulher negra em textos da literatura de cordel de autoria da cordelista Jarid Arraes. Destacam-se, da obra da citada autora, produções literárias que dão ênfase a heroínas negras brasileiras com trajetórias de vida marcadas por as representações identitárias de poder, a exemplo de *Dandara dos Palmares*, *Luísa Mahin*, *Tereza de Benguela*, *Aqaltune*. A pesquisa, de natureza bibliográfica, tem analisado o modo de representação dessas mulheres negras em sua luta e resistência mediante às formas de exploração, preconceito e discriminação, tornando-se protagonistas de sua história. Para tanto, tem feito parte dessa dinâmica de análise a construção discursiva em função da concepção e reconhecimento das diversidades étnico-racial, com suas especificidades no processo de construção sociocultural do país. Dentre o referencial teórico de apoio, destacam-se Bernd (1998), França, (1988), Brookshaw (1986), Munanga (2003), Hall (2002) dentre outros. Os resultados mostram a relevância dessa literatura que a tende a não somente tornar conhecida uma representação identitárias de luta e resistência da mulher negra, em contextos e cenários vários, como também possibilita uma leitura comparativa dessa produção discursiva que detém a representação do imaginário de um povo, cristalizando sua maneira de pensar e de reagir ante aos fenômenos sociais.

Palavras-chave: Poesia. Mulher. Resistência.

Introdução

A representação da mulher negra na literatura brasileira quase sempre esteve carregada de estereótipos negativos ligados à servidão e à submissão. Embora os anos tenham passado, ainda é possível ver a mulher negra ser retratada da mesma forma estereotipada de outrora, reforçando a imagem da ultrapassada cartilha do pensamento ocidental.

Em contraposição aos diversos estereótipos associados à mulher negra, identifica-se, no contexto contemporâneo, uma literatura que propõe uma nova realidade e ressaltando a força da mulher negra, representando-as de forma positiva, a exemplo das heroínas negras que fizeram parte da luta pela liberdade do negro no cenário escravocrata brasileiro do período pré-abolicionista. O viés dessa pesquisa direciona-se, então, no sentido de verificar e identificar produções cujo discurso tenda a superar visões estereotipadas. Tal condição se justifica, frente ao contexto contemporâneo em que o exercício da literatura associa-se, também em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, conduzindo, entre outros aspectos, à preocupação com a singularização cultural da etnia afrodescendente, conforme apresentado por Domício Proença Filho (2004), dentre outros estudiosos.

No contexto do Cordel biográfico, a cordelista Jarid Arraes conta a história de mulheres negras que fizeram parte da luta pela resistência negra no Brasil no final do século XIX, um período escravocrata. Dentre a sua produção, destacamos a história de *Dandara dos Palmares*, mulher negra guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi. O cordel *Luísa Mahin* trata da história da mãe do poeta Luís Gama, forte liderança na luta contra a escravidão no Brasil. Um terceiro cordel biográfico está focado na história da princesa africana *Aqualtune*, filha de um rei no Congo, que foi vendida como escrava e trazida para o Brasil. O cordel biográfico *Tereza de Benguela*, do quilombo de Quariterê, conta a vida da líder quilombola, uma heroína que lutou pela liberdade das mulheres negras no país. O cordel intitulado *Tia Simoa*, narra a história de uma liderança na luta contra a escravidão no Ceará. O referido cordel também contextualiza o Grupo de Mulheres Negras do Cariri, o “Pretas Simoa”, pelo qual a história de *Tia Simoa* ficou mais conhecida.

A pesquisa buscou analisar as representações da forma como essas mulheres negras lutaram e resistiram à exploração, ao preconceito e à discriminação e se tornaram protagonistas das suas histórias. A leitura se direcionou em comparar os modos de representação da mulher negra, tendo por foco o contexto estético, temático e social em que se insere o texto cordel biográfico em questão. Outro aspecto de importância esteve em observar em que sentido a produção literária em Cordel contribui para reforçar fatores constitutivos da construção da identidade negra, promovendo práticas discursivas valorizadoras da pluralidade cultural, principalmente nas mulheres do período do Brasil Pré-abolicionista. Uma das primeiras interrogações da pesquisa foi tentar descobrir de que forma iniciou o abolicionismo no Brasil, principalmente pelo fato dessas mulheres heroínas destacadas nos cordéis de Jarid Arraes fazerem parte desse período específico no Brasil.

O movimento abolicionista tem seu início na década de 1880. Anteriormente, o que havia era movimentos de emancipação de escravos com a diminuição gradual do trabalho, mas sem avanços em alguns direitos da mão de obra escrava. Ou seja, eram casos isolados. O abolicionismo pretendia causar uma revolução, garantir a liberdade para todos os escravos, e a escravidão, de uma forma geral, estava fadada a fracassar. Nesse processo, antes da Lei Áurea, o regime escravocrata no Brasil não tinha o mesmo apoio que reinava no início da escravidão. A primeira perda da escravatura foi a abolição do tráfico negreiro, mas somente aconteceu após os 40 anos de pressões da Inglaterra, por meio de uma lei, conhecida por Eusébio de Queirós, criada em 1850.

Com a aplicabilidade da Lei Eusébio de Queirós, os escravocratas tiveram uma série de prejuízos financeiros, devido ao fato da escassez da mão-de-obra sem homens e mulheres. A forma eficaz dos escravocratas lucrarem com essa situação foi realizando o tráfico interprovincial, que ocorreu no período de 1850 e 1885, cerca de 150 mil a 200 mil escravos foram vendidos pelas províncias nordestinas as fazendas de cafés localizadas no sul do país. Outros eventos ocorridos nos anos de 1860, como a Guerra do Paraguai, que se estendeu de 1864 a 1870, fez com que centenas de escravos fossem liberados para enfrentar as tropas inimigas no lugar de seus proprietários. Outro fator importante foi a guerra civil americana, ocorrida no período de 1861 e 1865, finalizando com a vitória dos nortistas, que apostavam no fim da escravatura.

Naturalmente, os fazendeiros e cafeicultores não receberam de bom grado o fim da escravidão no Brasil, até porque os lucros advindos do trabalho forçado e escravo eram exorbitantes. Politicamente, foi a partir do comprometimento de Dom Pedro 2º à causa abolicionista, e teve como resultado a abertura para o sistema de governo republicano, e com isso contou também com a adesão de alguns conservadores. Esse fato também foi a causa de descontentamento com o apoio de Dom Pedro à questão abolicionista, porém causou, de uma certa forma, a união com os fazendeiros, uma vez que viam nesta nova etapa uma possibilidade de manutenção de privilégios, constantemente provocado pelo abolicionistas da monarquia, como era o caso de Joaquim Nabuco.

Joaquim Nabuco destacou-se como um dos principais representantes dos parlamentares abolicionistas, principalmente nos anos entre 1878 a 1888. A partir dos discursos e luta protagonizado por Joaquim Nabuco, com o tempo a causa abolicionista foi recebendo mais adeptos, entre eles, pessoas ligadas a elite política, outros que viam a necessidade de mudanças no sistema monárquico, poetas e escritores, como Artur Azevedo e Castro Alves, os negros engajados, como o poeta Luís Gama, e o engenheiro André Rebouças, e mestiços como o jornalista José do Patrocínio.

Com a mudança das classes médias nas grandes cidades, que começavam a fazer parte mais significativamente da sociedade brasileira, os estudantes universitários inseridos em um contexto das universidades estrangeiras, também formavam um grupo forte e decidido em prol o fim da escravidão no Brasil.

Se a situação para a classe escravocrata estava com seus dias contados, o que pode ter ocorrido quando essas mulheres, negras heroínas, faziam parte diretamente dessas mudanças, mas, principalmente, de que forma houve uma participação ativa em defesa da liberdade, pelo fim do trabalho escravo. Para isso, acentuaram-se os movimentos de fuga, insurgência e libertação independentes. Nesse contexto, as negras (amas de leite, mucamas e negras de ganho) desempenham uma função fundamental que tratava da transmissão dos saberes, na administração dos quilombos, além da resistência em luta armada, como no caso das guerreiras e lutadoras, Luísa Mahin, Teresa de Benguela, Alquatune e Dandara, protagonistas dos cordéis neste estudo citados. A poesia de cordel de Jarid Arraes retrata a mulher negra na realidade ressaltando a força e a resistência das heroínas negras que fizeram a diferença na luta pela liberdade, trazendo a tona suas histórias e feitos.

Metodologia

O viés dessa pesquisa teve por ênfase a representação da mulher negra em foco nos cordéis biográficos com exemplo de heroínas negras símbolo da resistência, na luta contra a escravidão e o preconceito. Também foram consultados referências bibliográficas de estudiosos que abordam a temática da representação da mulher negra na literatura. Assim também, teve por base uma fundamentação teórica de estudiosos sobre a representação do negro, a exemplo de Bernd, 1988; França, 1998; Queiroz Junior, 1975; Maxado, 1994; Moura, 1976; Munanga, 2003; Reis, 2003, dentre outros. Outro ponto de interesse está na linguagem literária, enquanto instrumento de resistência, conforme pontua Bosi, 2002. Fundamentação teórica esta que dá base à pesquisa PIBIC/UEPB, cujo relatório já concluído, referência da qual este trabalho pontua alguns dados.

Os cordéis selecionados foram lidos e analisados buscando observar os pontos destacados, principalmente os versos/passagens que ilustram as discussões a respeito da literatura negra a partir dos cordéis de Jarid Arraes. A princípio foi escolhida uma bibliografia cuja discussão contextual relacionava-se com o período histórico de cada figura feminina, ou heroína negra, além da análise teórica, referendando os sentidos indicados à luz de citações de alguns estudiosos conforme a

temática da representação da heroína negra na literatura de cordel. A construção discursiva em função da concepção e reconhecimento das diversidades étnico-racial, com suas especificidades no processo de construção sociocultural do país, faz parte dessa dinâmica de análise em curso.

Resultados e discussão

Apesar da importante participação para a mobilização popular que impulsionou os acontecimentos, estas mulheres negras aqui representadas tiveram a sua participação invisibilizada na história do país, esquecidas nos livros de História, na literatura, ou seja, nas pesquisas que ainda insistem na falsa premissa da ausência de negros e negras, heróis e heroínas, que de uma certa forma contribuíram de modo prático e decisivo para uma sociedade mais justa, livre dos desmandos da escravidão. É a história dessas mulheres representadas nos cordéis de Jarrid Arraes que mostram a possibilidade de se não conseguir eliminar, pelo menos diminuir o grave erro do discurso machista, sexista e machista no Brasil.

A análise dos cordéis: *Aqaltune*, *Dandara dos Palmares*, *Tereza de Benguela* e *Luisa Mahin*, de Jarid Arraes, possibilitou compreender aspectos relevantes das histórias de mulheres negras, personagens reais que viveram no período Pré-abolição. Muitas semelhanças entre ela puderam ser encontradas, no entanto, o que mais se destacou foi como essas mulheres não aceitaram o destino que lhes foi imposto e lutaram por sua liberdade. Outro ponto comum entre elas é a falta de reconhecimento social, uma vez que o papel de destaque em geral é masculino. Mas mesmo ofuscadas pelo racismo e pelo machismo, essas heroínas ganham destaque através da literatura.

Aqaltune

Aqaltune foi uma Princesa guerreira, filha do rei do Congo, que liderou um exército de 10.000 homens em batalha. Derrotada, capturada e vendida como escrava reprodutora, Aqaltune ouviu falar de Palmares e, mesmo reduzida a essa triste função, a princesa guerreira não perdeu sua coragem. Mesmo em estado de gravidez avançada, não pensou duas vezes e fugiu, liderando um grupo de 200 pessoas para a liberdade. Chegando em Palmares, foi reconhecida como da Realeza e tornou-se líder do Quilombo. Foi mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi dos Palmares. Mulher de relevância, guerreira hábil, reconhecida por sua gente mesmo depois de sua morte. E sua prole de sangue forte perpetuou sua luta.

Vendida como uma escrava reprodutora, a um fazendeiro de gado cruel e explorador, e quando soube de sua origem Real, a entregou para um escravo reprodutor, insensível e violento. Com isso, Aqaltune foi por inúmeras vezes estuprada, na obediência às ordens do seu senhor escravocrata. Como o principal objetivo era o de reprodução para a criação de novos escravos, Aqaltune cumpria a sua pena de vítima da violência:

Foi vendida como escrava
Chamada reprodutora
Imagine o pesadelo
Que função mais redutora
Pois seria estuprada
De escravos genitora.

(ARRAES, J. *Aqaltune*. 2014, p. 3)

Mas na vida de tortura
Aqaltune ouviu falar
Sobre a pura resistência
Dos escravos a lutar
E ouviu sobre Palmares
O que pode admirar.

(ARRAES, J. *Aqaltune*. 2014, p. 4)

O nascimento do filho Ganga Zumba, um dos chefes mais importantes de Palmares, tornou-se um evento épico para o Quilombo dos Palmares. Como futuro líder do quilombo e com união ao povo negro iniciaram uma organização da República de Palmares, composta por povos variados, essa tinha a liderança de um chefe supremo. Além do filho, Aqaltune foi fundamental para a consolidação da república, pois possuía conhecimentos políticos, organizacionais e de estratégia de guerra. Aqaltune foi mãe de três filhos famosos na história do povo negro no Brasil: Ganga Zumba, Ganga Zona e Sabina, que foi a mãe de Zumbi.

Segundo essa tradição
Foi avó doutro guerreiro
De imensa relevância
Para o negro brasileiro
Era Zumbi dos Palmares
Liderança por inteiro.

(ARRAES, J. *Aqaltune*. 2014, p. 5)

O cordel de Jarrid Arraes informa que o final da vida de Aqaltune é controverso. Revoltados com as constantes fugas e rebeliões, os donos de escravos contrataram um pessoal para queimar o quilombo e matar todos os seus habitantes, principalmente os idosos foram os mais prejudicados.

Outros alegam que ela teria conseguido fugir, ainda há fontes que afirmam que ela tenha simplesmente morrido de velhice. Em 1964, o quilombo dos Palmares é atacado e seu povo assassinado. Até a atualidade, Aquilone é mencionada em Pernambuco, em referência a sua realeza e lutadora pelos direitos do povo negro.

Dandara dos Palmares

Dandara, não se sabe onde ou quando ela nasceu; apenas que a sua história começa com sua luta pela liberdade. Não era dada a tarefas domésticas, preferia a guerra. Era capoeirista e sabia usar armas, liderava batalhas sem aceitar acordos ou rendição. Foi no Recife que *Dandara* encontrou seu fim, quando tentou tomar a cidade e foi derrotada. Ela poderia ter se rendido, mas a mulher de coragem jogou-se de uma pedreira, preferindo a morte à escravidão. Tornou-se mais que um exemplo, uma mártir da resistência:

A guerreira de Palmares
Resistia com bravura
O orgulho era profundo
Sua pele era armadura
Determinação crescente
Tinha como assinatura

(ARRAES, *Dandara dos Palmares*, 2015, p. 2)

Alguns estudos sobre *Dandara* apontam que ela lutou com armas pela libertação total das negras e negros no Brasil. Liderava mulheres e homens, e é descrita com mulher de muita coragem e ousadia. *Dandara dos Palmares* lembra a autonomia absoluta da mulher negra e da completa liberdade feminina, que protagonizou as trincheiras da resistência contra a discriminação por cor e gênero. Essa mulher negra representa o papel da líder incontestável e da sua luta por liberdade. Sua força concentrava-se na destemida luta pela libertação do povo negro. Morreu na condição de heroína, apesar de pouco ser lembrada nos livros de História no Brasil, viveu como mulher negra que conquistou seu espaço, com inteligência e determinação, em um período no qual as mulheres pouco eram ouvidas, imagina serem seguidas ou lideradas por outra mulher.

A maior parte dos fatos
Que se conta sobre ela
É de lenda repassada
Como memória singela
Para despertar a preta
Que ativa se rebela

(ARRAES, J. *Dandara dos Palmares*. 2015, p. 5)

A morte de Dandara foi dramática. Ela se suicidou, jogando-se de uma pedreira. A recusa à serviçagem, com uma conduta constantemente ofensiva e determinada. Dandara mostra que sua atuação no mundo machista e racista teve uma forte atuação, sem receios de ser confrontada, com liderança e obstinação. A autora Jarid Arraes a revela como símbolo de resistência e orgulho, destacando o fato de que “a história feminina/Não é feita para rascunho” (ARRAES, 2015, p. 7).

Tereza de Benguela: a rainha do Quilombo Quariterê

No Estado do Mato Grosso havia um grande Quilombos chamado Quariterê. Era liderado por Tereza de Benguela e por seu marido João Piolho. Quando João morreu, Tereza sozinha tornou-se rainha do quilombo, auxiliada por um conselheiro e um parlamento. Era um Quilombo rico, cultivavam feijão, milho, algodão e banana, para o consumo e a comercialização. Tinham também forjas, onde as correntes de sua escravidão tornavam-se armas da resistência. Em 1770, o quilombo Quariterê foi atacado e cerca de 100 pessoas foram assassinadas. Tereza foi presa, adoeceu, e morreu alguns dias depois. Como tentativa de enfraquecer a revolução, Tereza teve sua cabeça cortada e exposta como um prêmio. Mas o único exemplo que ela deixou foi a força da mulher:

Foi por isso que Tereza
Por duas décadas reinou
Coma força do quilombo
Que com garra liderou
E por isso pra história
A rainha então ficou

(ARRAES, *Tereza de Benguela*, 2015, p.4)

A história de Tereza de Benguela serve como uma mostra de exemplo administrativo e disciplinar de um quilombo. Com a morte do marido, Tereza foi um exemplo de liderança, não somente comunitária, mas também política. No quilombo também possuía armamentos, instrumentos apropriados para a luta e a resistência, em torno dos diversos conflitos e confrontos pela terra no Estado de Mato Grosso.

De acordo com o registro
Tereza foi capturada
Mas depois de poucos dias
A rainha adoentada
Acabou-se falecendo
Da mazela ali tomada

(ARRAES, *J. Tereza de Benguela*. 2015, p. 5).

Mulher negra de coragem
E também de inteligência
Com talento e liderança
Com imensa sapiência
Foi Tereza de Benguela
Fonte de resiliência

(ARRAES, F. Tereza de Benguela. 2015, p. 7).

A morte de Tereza também trouxe um triste acontecimento aos que restaram no quilombo, e para a própria história. Cortaram-lhe a cabeça e a expuseram para que todos pudessem assistir ao seu fim. Isso ocorreu em 25 de julho do ano de 1770. Tereza de Benguela ficou conhecida por sua luta, liderança no quilombo, pelos feitos grandiosos, principalmente por tantas vezes ter conseguido livrar o quilombo dos ataques nefastos.

Luísa Mahin

Luísa Mahin nasceu no século XIX na Costa da Mina, onde ela dizia ser princesa. Foi vendida como escrava, mas em 1882 foi alforriada e passou a sobreviver do trabalho de quituteira, função que a ajudou na revolução de Malês. Ela enrolava seus quitutes em mensagens escritas em Árabe e espalhava entre os envolvidos. Sua inteligência e coragem garantiram lugar de destaque entre a resistência negra.

Luísa Mahin, nesse contexto, é mais conhecida por ser a mãe do abolicionista Luiz Gama, do que pela participação na Revolta dos Malês (1835). Segundo a história, caso a revolta tivesse sucesso, a guerreira teria sido nomeada Rainha da Bahia. Nesse caso, temos a primeira constatação do fato de Luísa Mahin não ser apenas uma mulher negra em defesa de seus direitos e do povo negro, mas precisa ser destacado o seu envolvimento na revolta Sabinada. Aproximadamente 70 revoltosos foram mortos e outros 500 foram punidos com chibatadas, penas de morte e deportação.

Mas Luísa era guerreira
A rebelde sem igual
Fez sua casa na Bahia
Feito um quartel general
Onde eram planejadas
As revoltas sem igual.

(ARRAES, J. Luísa Mahin. 2015. p. 5)

A história de Luísa Mahin é capítulo importante na obra de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, publicada em 2006. Nela, a autora retrata a história da Revolução Malê, uma rebelião

coordenada por escravos mulçumanos em plena Bahia, em 1835. Luísa Mahin aparece no romance, em um dos dez capítulos que se concentra na Revolução Malê. A Revolução Malê, fornece elementos relevantes no romance que ajuda a perceber o fim da escravatura, pretendendo instalar o que mais tarde se chamou de “Califado Baiano”. O romance também mostra Luísa Mahin, que na trama recebe o nome de Kehinde, como uma mulher/lenda na Bahia. O poeta e jornalista abolicionista Luís Gama, filho de um fidalgo português e de uma escrava baiana, diz em carta que a mãe desapareceu quando ele tinha por volta de sete anos e ele foi vendido pelo pai, aos dez, para quitar dívida de jogo. O poeta apresenta Luísa Mahin como uma mulher forte e uma das principais articuladoras da Rebelião Malê para dignificar um pouco o próprio passado.

Mas Luísa era guerreira
A rebelde sem igual
Fez sua casa na Bahia
Feito um quartel general
Onde eram planejadas
As revoltas sem igual.

(ARRAES, J. *Luisa Mahin*. 2015, p. 5)

Os cordéis aqui apresentados trazem uma nova representação da mulher negra na literatura. O ponto positivo destes cordéis está na persistência de uma representação da negra de modo afirmativo, de identidade de guerreira, dentro de um ideário de luta e resistência.

Segundo Maxado (1994), o fato de que na literatura de cordel ter muito preconceito sobre o negro, ocorre principalmente pela própria influência dos escritores brasileiros, principalmente daqueles que apresentaram um Nordeste sofrido, de seca, e de população miserável. Para o autor, “Há sempre preconceito contra o negro. Entretanto, hoje muitos autores procuram mostrar o negro sobre outro ângulo. Há também mitos negros, que são mais conscientes, contribuindo para a mudança do estereótipo”. (MAXADO, 1994, p. 93).

Essa mudança de foco do estereótipo pode ser verificada na construção dos cordéis escritos por Jarid Arraes, aspecto relevante se comparado a outros cordéis escritos cujo traço de representações negativas e inferiorizadas dos negros é muito presente (FRANÇA, 1988);

As diferentes formas de representação do negro, associadas aos personagens neles biografados, acabam por dar relevo a marcas que se opõem às construções estereotipadas e preconceituosas. Isso porque a representação está voltada para o perfil guerreiro, veiculado à luta e a resistência, além dos feitos gerados. De forma que é possível afirmar que, com base no referencial da história, a produção literária em Cordel muito contribui para revalorização de fatores

constitutivos da construção da identidade negra, promovendo práticas discursivas valorizadoras da pluralidade cultural e desafiadoras das discriminações.

Conclusões

O lugar demarcado para a mulher negra carregado de negativismo e inferioridade na literatura vem dando espaço a uma outra representação focada na luta e resistência pela cidadania e respeito. No contexto contemporâneo, a poesia biográfica de Jarid Arraes revela uma nova visão da mulher negra em face de sua luta e coragem no período Pré-abolicionista no Brasil.

Apesar dos esforços misóginos ou racistas para apagar a história das mulheres negras no Brasil, a literatura de cordel, a exemplo dos textos da Jarid Arraes, tem se apresentado como um importante veículo que busca retomar e ressignificar a memória de ícones da história brasileira, como exemplos das heroínas citadas. A representação de mulheres negras batalhadoras, dotadas de habilidades estratégicas, são imprescindíveis para a compreensão da de que nunca se conformaram com os processos discriminatórios e escravista.

Com efeito, os cordéis citados trazem uma nova representação da mulher negra na literatura. O ponto positivo destes cordéis está na persistência de uma representação da negra de modo afirmativo, de identidade de guerreira, dentro de um ideário de luta e resistência. Um ponto relevante a se destacar é o fato de que, ao se caracterizar não só por uma riqueza estilística, como também as possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica, o texto de cordel tem sido instrumento presente também em salas de aula. O trabalho com a cultura popular e mais especificamente com a literatura de cordel possibilita ao aluno um contato com textos de sua origem cultural. Um aspecto importante é que esse contato não produz apenas um avanço nas habilidades de leitura e de escrita, permite também uma identificação com a mensagem cultural, produtora de cidadania.

Poesia de cordel de Jarid Arraes retrata a mulher negra na realidade ressaltando a força e a resistência das heroínas negras que fizeram a diferença na luta pela liberdade, trazendo a tona suas histórias e feitos. Os resultados mostram a relevância dessa literatura que tende a não somente tornar conhecida uma representação identitárias de luta e resistência da mulher negra, em contextos e cenários vários, como também possibilita uma leitura comparativa dessa produção discursiva que detém a representação do imaginário de um povo.

Referências

- ARRAES, Jarid. *Aqaltune*. São Paulo, 2014.
- ARRAES, Jarid. *Dandara dos Palmares*, São Paulo, 2015.
- ARRAES, Jarid. *Tereza de Benguela*, São Paulo, 2015.
- ARRAES, Jarid. *Luisa Mahin*, São Paulo, 2015.
- BARRETO, Afonso Henrique de Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1988.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- BROOKSHAW, David. *Rça & cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Minas Gerais: Terra roxa e outras terras-Revista de Estudos Literários, 2009.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. São Paulo: Record, 2006.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. 1975. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática.
- MAXADO, Franklin. *O negro na literatura de Cordel*. Feira de Santana. Revista Sitientibus, n. 12, p. 93-100, 1994.
- MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel: tentativa de análise sociológica*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.
- MUNANGA, Kabengele. *Cem anos e mais de Bibliografia sobre o negro no Brasil*. São Paulo: USP; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos maís em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.